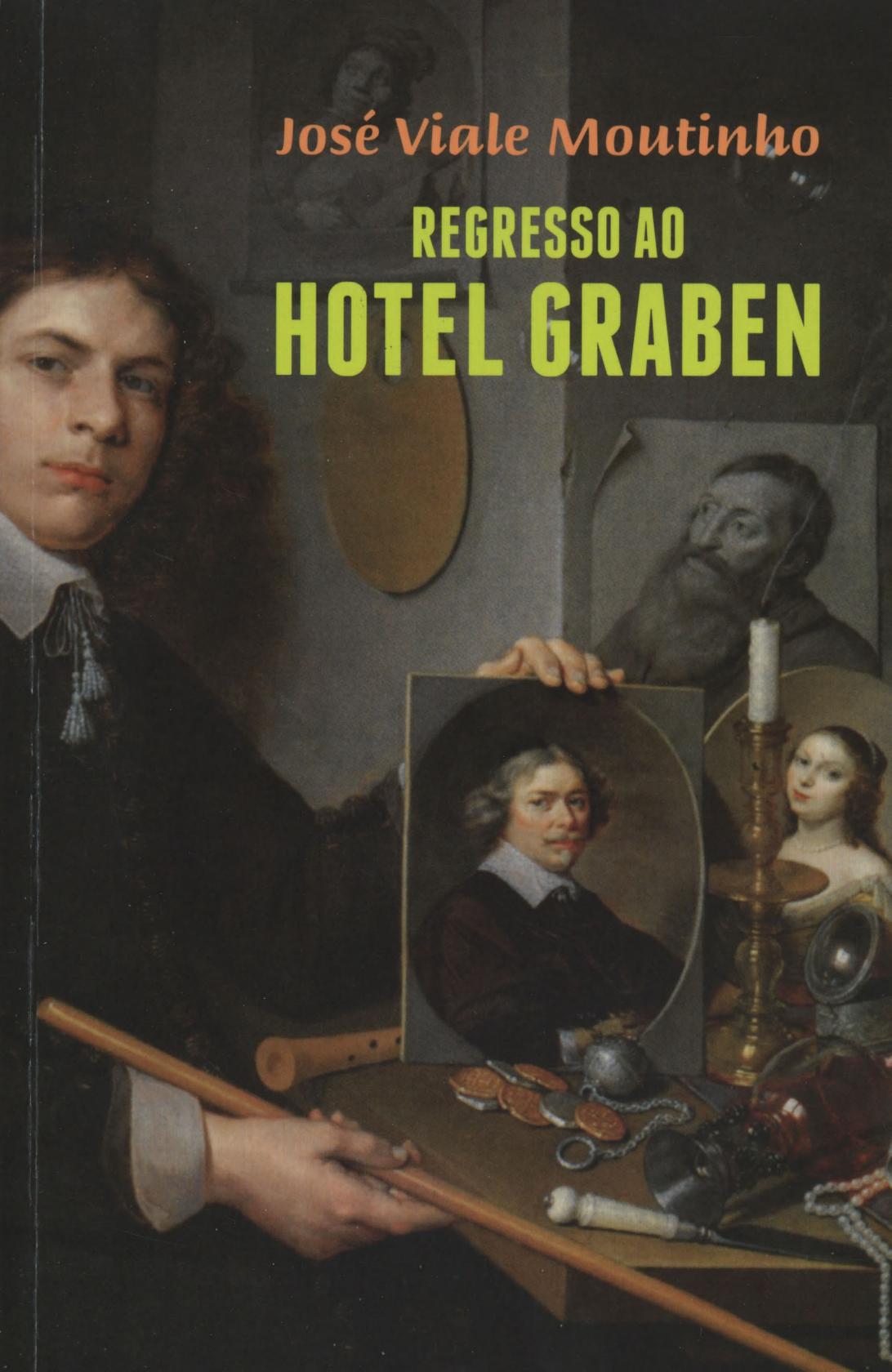


*José Viale Moutinho*

**REGRESSO AO  
HOTEL GRABEN**



José Viale Moutinho

# REGRESSO AO HOTEL GRABEN

Dos cadernos de um duende errante

*Posfácio de*

MARIA JOÃO SIMÕES

(Universidade de Coimbra)

Edições Afrontamento

Título: Regresso ao Hotel Graben

Autor: José Viale Moutinho

© 2014, José Viale Moutinho e Edições Afrontamento

Edição: Edições Afrontamento / Rua Costa Cabral, 859 / 4200-225 Porto

[www.edicoesafrontamento.pt](http://www.edicoesafrontamento.pt) / [comercial@edicoesafrontamento.pt](mailto:comercial@edicoesafrontamento.pt)

Foto da capa: David Bally (1584-1657). Auto-retrato com símbolos de *vanitas*

Colecção: Fixões / 80

N.º de edição: 1593

ISBN: 978-972-36-1372-8

Depósito legal: 378920/14

Impressão e acabamento: Rainho & Neves, Lda. / Santa Maria da Feira  
[geral@rainhoeneves.pt](mailto:geral@rainhoeneves.pt)

Distribuição: Companhia das Artes – Livros e Distribuição, Lda.  
[comercial@companhiadasartes.pt](mailto:comercial@companhiadasartes.pt)

Setembro de 2014

## Posfácio

### *Os enlaces cativantes da narrativa breve de José Viale Moutinho, por Maria João Simões*

*O jogo ficcional tecido com elementos de pura invenção e fantasia e elementos de representação realista pode apresentar-se sob múltiplas facetas. Uma das qualidades do escritor José Viale Moutinho é a originalidade das formas encontradas para combinar estes elementos e os múltiplos matizes alcançados com elas. O leitor fica preso às suas ficções ou suspenso nelas, por vezes meio interdito meio desconcertado, por causa da sua brevidade, do seu carácter suspensivo, simultaneamente sintético e sugestivo, ou ainda devido ao absurdo convocado. Em Regresso ao Hotel Graben, José Viale Moutinho retoma o filão da narrativa breve ou mesmo brevíssima, remodelando ou afinando pequenas histórias ou situações que tinha oferecido em Hotel Graben e acrescentando outras criações. Qual a razão que leva o autor a voltar ao Hotel Graben? Ele poderá dizer: «The leprechauns made me do it»! Com efeito, se, na primeira versão, aparecia o subtítulo «papelada de um duende errante», nesta revisitação o subtítulo é «dos cadernos de um duende errante», pela introdução da diferença da expressão «dos cadernos» leva o leitor a congeminar que são os cadernos do duende a desencadear este «Regresso» ao famoso Hotel Graben... Seja como for, o certo é que este errante duende é um exímio cultor da narrativa breve – esse género que tem grandes cultores noutros países, mas não tantos em Portugal.*

*Na literatura americana, podemos apontar como exemplo de cultores deste género, entre outros, o escritor Bruce Holland Rogers, conhecido não só por pertencer ao grupo de escritores Wordos, mas sobretudo pelas suas micronarrativas – algumas das quais traduzidas para português sob o título Pequenos Mistérios. Bruce Holland Rogers já foi, aliás, vencedor do Micro Award, um prémio dedicado à micronarrativa, nos Estados Unidos. Mas poder-se-á pensar noutro exemplo diferente: as crónicas breves de Luís Fernando Veríssimo, onde o humor é a chave do sucesso juntamente com o desenho de figuras ficcionais que funcionam como protagonistas recorrentes de séries ou conjuntos de textos na produção deste autor.*

*A narrativa breve em Portugal vem ganhando cada vez mais atenção por*

parte da crítica literária – depois de ter passado por alguns períodos em que imperou o descaso ou a indiferença por parte dos comentadores ou historiadores literários. Mas as narrativas breves (e, entre elas, o conto) foram e são do agrado de muitos escritores. Como não lembrar as Vinte Horas de Liteira, esse tão curioso livro de Camilo – um autor apreciado por José Viale Moutinho –, ou, num contexto bem diferente, os Contos do Gin-Tonic de Mário Henrique Leiria. Referem-se estes dois exemplos porque parecem ser marcantes para a apreciação destas narrativas breves, uma vez que a sátira e o humor, fundamentais na escrita dos autores aludidos, são duas estratégias fundamentais das narrativas do escritor madeirense. A estas estratégias juntam-se outras, como a utilização do insólito, do fantástico, do absurdo ou do nonsense, as quais dão uma feição singular a este Regresso ao Hotel Graben.

Se o leitor atentar nesta presença do humor, depressa descobre que muito do humor patente nestas ficções surge por aquilo que Alison Ross, na sua obra *The Language of Humour*, designa por «choque do novo». Na verdade José Viale Moutinho junta informações novas e estranhas a situações normais e banais e essa novidade choca pela surpresa e pela sua estranheza. Assim acontece quando o autor se serve de toda a sua erudição e saber histórico para humoristicamente dessacralizar as personagens históricas e as apresentar com comportamentos sentidos como contemporâneos, conseguindo, por assim dizer, uma desrealização dessas mesmas personagens. Tal acontece também com a apresentação de uma D. Urraca, insaciável devoradora de jovens mancebos. O escritor aciona o humor muitas vezes através do salto de uma situação com um referencial mais abstrato para algo comum, simples e prático, alcançando assim uma resultante contrapontística muito atraente.

Outro traço característico destas micronarrativas é o pendor satírico de muitas delas. Trata-se de uma estratégia que ora é adotada de forma mais explícita, ora escorre subtilmente como água por finos grãos de areia – ou seja, ora ataca diretamente os seus alvos, ora aciona o fingimento e faz de conta que não sabe o que quer atingir ou quem pretende criticar. A sátira socorre-se da ironia e do ridículo, toma de empréstimo a caricatura, mune-se de humor para atingir o alvo da sua crítica. Como satirista que também é, José Viale Moutinho coloca em cheque o homem em geral pela sua falta de humanidade e pelas injustiças que comete, mas especificamente aponta o dedo aos políticos e aos prepotentes responsáveis pela guerra e pelo menosprezo do outro. Ou não fosse o escritor conhecido também pelas narrativas

que contam os tormentos e atrocidades da Guerra Civil espanhola, mas também de muitas outras guerras históricas, como se pode observar, por exemplo, nas obras *Cenas da Vida de Um Minotauro* e *Entre Povo e Principais*.

Uma das figuras que representa o tema da prepotência é, nesta obra, o Ogre da narrativa intitulada «Ilha do Ogre». É claro que, nesta narrativa, são acionadas outras estratégias, tais como o ilogismo kafkiano aplicado à burocracia – responsável por repor no poder este devorador senhor da ilha – e a alegoria, com toda a possível generalização dos seus duplos sentidos. Para além da prepotência, outro tema que emerge destes textos é o carreirismo, rejeitado (ou não?), por exemplo, pelo protagonista da narrativa «Frei Pero das Bem-Vindas Calamidades» que fica sempre a trabalhar nas pocilgas e a tomar conta dos porcos do convento sem querer outro posto ou lugar menos humilde, mas, em contrapartida, bem aproveitado por uma das figuras mais ironicamente representativas deste tema: o monge incendiário que regressa mais tarde ao mesmo convento, mas numa alta posição: vem para dirigir a instituição e substituir o velho abade que o identificara como incendiário. Neste texto ressalta ainda um dos temas recorrentes e obsessivos deste autor: o silêncio. O silêncio, pelo ensimesmamento e pela passividade que carrega, muitas vezes prenuncia algo ominoso – tal como acontece no brevíssimo texto «Sala dos silêncios». Todavia, pela sua ambiguidade simbólica, o silêncio pode também ser indício de algo que está prestes a eclodir, como acontece no texto intitulado «Silêncio», composto unicamente pela seguinte frase: «Colocou o martelo entre as toalhas e fechou vagarosamente a gaveta.»

O esbater das fronteiras entre as marcas do real maravilhoso, do maravilhoso e do fantástico – que a crítica gosta de ver bem traçadas – é outra das estratégias utilizadas nestas ficções. Com efeito, nestas breves narrativas, o escritor madeirense combina referências a figuras da mitologia clássica com personagens atuais, como acontece, por exemplo, na narrativa intitulada «A Ilha de Crumissa», uma fantástica ilha impossível de localizar, mesmo com computadores modernos, segundo a informação recente de um tal Dr. Pio Vanzeler, assistente do Laboratório de Engenharia Nacional, mas que o narrador sabe ser uma ilha onde muitos marinheiros morrem por ficarem enamorados de Teófane, que Poséidon transformou em ovelha. Algo idêntico acontece também na narrativa «A Fonte do Cavallo», que, sendo a antiga fonte do Monte Hélicon, originada por Pégaso, é modernamente explorada como benfazeja e termal por um professor da Universidade de Harvard. Esta conjugação de elementos do maravilhoso clássico com um «inexistente» contemporâneo é uma das técnicas utilizadas nesta obra (entre

outras) que concorre para a sua feição fantasiosa e fantástica – uma técnica que o autor utiliza com mestria, dada a sua vasta erudição histórica. Para além da mitologia clássica sente-se também a presença – muitas vezes divertidamente desestabilizadora – de figuras de antigas mitologias europeias, com o claro piscar de olho à mitologia celta.

Desta estratégia se aproxima uma outra: a utilização do fantástico. No que diz respeito à presença do fantástico, e para se perceber melhor como funciona, convém atentar nas condições apontadas por David Roas, na sua obra *Tras los límites de lo real*. Una definición de lo fantástico, onde o teórico afirma que o fantástico implica «una necesaria problematización [de la] visión convencional, arbitraria y compartida de lo real», «la coexistencia de lo posible y de lo imposible dentro del mundo ficcional» «y por encima de todo el cuestionamiento de dicha coexistencia». Estes elementos estão presentes em textos como «O Réprobo», onde uma borracha apaga o funcionário de escritório chamado Julião, e também na já referida narrativa «A Ilha de Crumissa», para onde quer ir o narrador-personagem que aí nos fala, ou ainda no texto «A Mãozinha», no qual os dedos da pequena senhora Aldonsa crescem cada vez que o homem do talho lhos corta.

Diferente, mas de certa forma próxima do fantástico, se pode entrever uma outra das estratégias anteriormente referidas: o nonsense. Com um certo toque surrealista, mas sem deixar de lançar âncoras a referentes históricos ou a elementos realistas de sabor contemporâneo rapidamente reconhecíveis pelo leitor, a utilização do nonsense deixa o leitor perplexo e às voltas com os sentidos do texto. Tal acontece, por exemplo, no texto «Forças da Natureza», que encena uma espécie de diálogo mental estabelecido por um leitor com frases e poemas de António Gedeão, revelando o seu medo de um pressuposto vento ciclónico, mas também o medo da perigosa palavra dos poetas. A seguir, fugindo à lógica do encadeamento narrativo consequente e à sintaxe narrativa tradicional, numa espécie de metalepse, este leitor leva o narrador para um abismo onde um anjo canta interminavelmente o mesmo canto. A narrativa não deixa de fazer alusões à liberdade do sonho cantada por Gedeão e, como acima se disse, ao medo que essa ideia espalha em certas mentes. Mas, mesmo que se procurem estes e outros sentidos, a incerteza da relação lógica entre as situações permanece, inquietantemente, na mente do leitor.

Esta insólita narrativa recorre também a essa outra estratégia que constitui a alegoria, sendo preciso ler nas entrelinhas do medo que os poetas originam em quem não os quer entender (sendo o José Viale Moutinho também

*um, e bem reconhecido, poeta) e sobretudo do poeta que canta a liberdade e o sonho. Poder-se-á reconhecer os sentidos subliminares desta narrativa se se pensar que a liberdade é outro tema obsessivo do autor, precisamente porque a guerra, a injustiça e a morte sensibilizam a sua alma poética.*

*Não se pense, contudo, que o cómico não surge nestas narrativas. O cómico não deixa de estar presente, ainda que, muitas vezes, apareça tingido por tonalidades mais grotescas ou avance para um humor negro, como acontece no caso do conto «As Tradições de Nata!». O cómico e o ridículo, visível em muitas situações com as quais se confrontam as personagens (sintética mas incisivamente delineadas), aliados ao humor, transportam para a leitura destas narrativas breves uma leveza que cativa o leitor sem deixar de o fazer pensar.*

*O entrelaçado dos temas e das estratégias referidos – e muitos outros que fazem vibrar e voar a imaginação a todo leitor – dá a este livro uma tonalidade humoristicamente saborosa prendendo o leitor a esta obra de uma maneira única com a qual José Viale Moutinho deleita os seus leitores. A mim encanta-me.*

Maria João Simões  
Universidade de Coimbra